

Três Mulheres com Máscara de Ferro

Três mulheres, na atitude das três Graças, duas de costas, uma de frente, como se dançassem. Uma veste como camponesa, é a Sibila. Outra veste como uma senhora rica do século passado, é Fanny. A terceira é Ema e usa um vestido de baile. Voltam-se lentamente umas para as outras.

A SIBILA Não nos conhecemos.

FANNY Eu apresento-me: sou Fanny, filha do coronel Owen. (tira a máscara)

A SIBILA Eu sou Quina, lavradeira. Nasci no campo e aos dez anos aprendi a governar a casa. Empresto dinheiro a muita gente mas dantes não tinha nem para comprar um bacorinho na feira. Nem socos para o Inverno. E aquela quem é?

FANNY Quem és? Uma actriz?

EMA Não sou uma actriz.

FANNY Uma mulher da vida?

EMA Não sou uma mulher da vida.

- SIBILA Já se vê que não é. É uma pessoa educada. Não põe as mãos nas ancas e não fuma.
- EMA Eu ponho as mãos nas ancas e fumo também. Mas não sou uma mulher da vida. As aparências enganam.
- FANNY As aparências não enganam, mas provam qualquer coisa. Mostra-me a tua cara. (Ema tira a máscara) De facto, as aparências enganam. Tens cara de anjo.
- SIBILA E porque não há-de ser um anjo? Andam por aí e a gente não percebe. É preciso ser muito fino para perceber.
- FANNY Quer dizer que é mais esperta do que eu?
- SIBILA Não quero dizer isso. Nunca se quer dizer a verdade.
- EMA Eu digo quem sou. Sou a mulher do médico. Casei-me por amor, sabem? Ele vivia do outro lado do rio e eu via-o pelo binóculo e parecia-me que estava ao meu lado. Parecia que podia arranjar-lhe a gravata e tirar-lhe um fio do casaco.
- FANNY Um cabelo, queres dizer.
- EMA Um cabelo? Ah, não! Os homens são-me fiéis, não sei porquê. Acho que tenho qualquer coisa de bruxa.
- SIBILA Não diga isso. As bruxas são pessoas como nós. (tira a máscara) Como nós. Vê?
- EMA Vejo, o quê? Devia pintar-se um pouco e pintar o cabelo. Ficava muito melhor. Eu não podia andar assim vestida, com meias grossas.
- SIBILA Faz frio e eu tenho frio.

- EMA Também eu tenho frio. Mas tenho também orgulho. Não quero que digam que pareço mal, que não sei nada de modas. Sou bonita ou não sou?
- SIBILA É muito bonita.
- EMA Então tenho que agradar ao meu espelho. Aos homens, não me importo. Eles são o meu espelho, também é verdade.
- FANNY Acho que eles a amam. Amam-na como doidos. Choram e torcem as mãos de desespero e depois fingem que não sentem nada e abandonam-na para parecer que não sentem nada. Também eles têm orgulho.
- EMA Não sei. Esta cor não me assenta bem. Veja que movimento tão bonito tem o meu vestido, ao andar. Parecem as ondas do mar a bater-me nos joelhos.
- SIBILA O mar não é assim. É como o leite quando transborda.
- EMA Seja como for, fica-me bem. Reparem quando eu ando.
- FANNY Já reparámos.
- EMA Esse chapéu é horrível. E os caracóis! Não lava a cabeça nem de mês a mês.
- FANNY Escovo os cabelos de manhã e à noite. O meu pai dizia que a escova é a grande educadora das raparigas.
- EMA Acredita nisso?
- FANNY Em matéria de educação não acredito em nada. Acredito nos hábitos. As mulheres são hábitos de homens.
- EMA Em que acredita mais?

- FANNY Na vaidade, na obstinação. Na vingança.
- SIBILA Eu acredito nos negócios e nos homens de palavra.
- EMA Meu marido era um homem honesto mas não era um homem de palavra. Amava-me e morreu porque morri. Mas a palavra destina-se à vida e não à morte.
- FANNY Um homem que ama nunca é um homem honesto.
- EMA Como diz, senhora?
- SIBILA Ela não quis dizer isso. Tenho a certeza de que não quis dizer isso.
- FANNY Deixe de querer compor as coisas. Vocês, as mulheres ignorantes, adulam mais a mentira do que nós, as mulheres instruídas. Falam por meias-palavras, fogem de explicar-se. Porque fazem isto?
- SIBILA Não sei. Quando meu pai explicava o que fazia e por onde andava, minha mãe não acreditava nele.
- EMA Acreditava quando ele lhe mentia?
- SIBILA Não. Mas a mentira sempre a consolava mais. Os erros dos homens são bons de remediar. Basta castigá-los. Mas quando são honestos é como nos expulsassem da vida deles. Do coração deles.
- FANNY Deixe-me pensar: José Augusto era um bom rapaz. Não se precisa de ninguém para ser bom; só para ser mau. Eu vi logo que ele não precisava de mim para nada. Foi um jogo, e eu perdi.
- EMA Com os homens não se joga nem quando não se tem nada a perder.

SIBILA Então, senhoras? Falar dos homens é desenganá-los de nós. Nunca se diz o principal.

EMA O que é o principal?

SIBILA Vamos contar um caso importante das nossas vidas. Vemos aí o que é o principal.

FANNY Começa, já que falaste.

SIBILA Eu começo. Não sou tímida nem tola, senhoras. Eu começo: minha mãe contava que quando tinha sete anos a chuva apanhou-a no caminho para casa. Era já de noite porque no Inverno os dias são pequenos, e havia um ribeiro que ela não podia passar. A água tinha crescido muito e ela não via onde pôr os pés. Estava assim aflita quando um rapaz de aí dezoito anos, chegou à beira dela. «Aonde vais, menina?» — disse ele. Era loiro como o trigo e levava na mão uma vara de marmeleiro. «Segura-te nesta vara que eu ajudo-te a passar.» Minha mãe ficou toda contente e disse-lhe, já do outro lado do ribeiro: «Sr. Josezinho, muito agradecida.» O rapaz gritou-lhe, quando a viu correr pelo caminho fora. «Quando fores grande, eu caso contigo. Não te esqueças.»

EMA Que história tão comprida!

SIBILA Durou anos e anos porque vieram a casar.

FANNY E o principal? O que é o principal?

SIBILA No leito do ribeiro também se faz a cama.

FANNY Tem graça, a nossa campónia! As coisas saem-te assim? Não pensas, nem nada?

SIBILA Pensar, não penso. Choro e rio, que são conversas que não precisam de estudo.